



unesp

CRIANÇAS LGBTQIAPN+ EXISTEM!

A importância de falar sobre gênero e sexualidade nas infâncias dentro do ensino não formal

VICTOR MENEZES

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
“JÚLIO DE MESQUITA FILHO”
INSTITUTO DE ARTES

VICTOR MENEZES ALVES MARTINS

CRIANÇAS LGBTQIAPN+ EXISTEM
A importância de falar sobre gênero e sexualidade nas
infâncias dentro do ensino não formal

São Paulo
2025

VICTOR MENEZES ALVES MARTINS

CRIANÇAS LGBTQIAPN+ EXISTEM

**A importância de falar sobre gênero e sexualidade nas
infâncias dentro do ensino não formal**

Trabalho de conclusão de curso apresentado
ao Instituto de Artes UNESP, como parte das
exigências para a obtenção do título de
Licenciatura em Arte-Teatro.

Orientadora Prof. Dra.: Denise Pereira Rachel

São Paulo
2025

Ficha catalográfica desenvolvida pela Diretoria Técnica de Biblioteca e Documentação do Instituto de Artes da UNESP. Dados fornecidos pelo autor.

M386l Martins, Victor Menezes Alves, 2001-

LGBTQIAPN+ existem: a importância de falar sobre gênero e sexualidade nas infâncias dentro do ensino não formal / Victor Menezes Alves Martins. – São Paulo, 2025.
54 f. : il. color.

Nome artístico: Victor Menezes

Orientadora: Profª. Drª. Denise Pereira Rachel.

Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Arte - Teatro) – Universidade Estadual Paulista (UNESP), Instituto de Artes, São Paulo.

1. Pessoas LGBT . 2. Identidade de gênero. 3. Crianças - Desenvolvimento. 4. Crianças e sexo. 5. Educação de crianças. I. Rachel, Denise Pereira. II. Universidade Estadual Paulista (UNESP), Instituto de Artes, São Paulo. III. Título.

CDD 306.7

Bibliotecária responsável: Mariana Borges Gasparino - CRB/8 7762

VICTOR MENEZES ALVES MARTINS

CRIANÇAS LGBTQIAPN+ EXISTEM

**A importância de falar sobre gênero e sexualidade nas
infâncias dentro do ensino não formal**

Trabalho de conclusão de curso apresentado
ao Instituto de Artes UNESP, como parte das
exigências para a obtenção do título de
Licenciatura em Arte-Teatro.

Trabalho de conclusão de curso aprovado em: 24/11/2025

Banca Examinadora

Prof. Dra. Denise Pereira Rachel
Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” -
Orientadora

Prof. Ma. Camila Josefa Nunes Rossato
Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”

AGRADECIMENTOS

É importante enfatizar que essa pesquisa não seria possível sem a ajuda de muitas pessoas. Primeiro quero agradecer a minha mãe Ivani Menezes de Lira, por me acolher desde cedo como criança viada, e mesmo sem entender direito me ajudou da melhor forma que pôde. Quero agradecer também ao meu irmão Vinicius Menezes por ser meu melhor amigo e um parceiro de vida. Ao meu pai Roni Alves por sempre dar o seu melhor para nossa família. Quero agradecer à toda equipe da Biblioteca José Mauro de Vasconcelos, especialmente Sandra Cristina Brazil, obrigado por ser uma segunda mãe. Agradeço aos integrantes do coletivo Casa no Meio do Mundo por me apresentarem outras formas de educação que ultrapassam os muros das escolas. Sou muito grato à minha dupla do Programa de Iniciação Artística, Beatriz Oliveira, obrigado por toda a parceria e por aceitar embarcar nas loucuras comigo. Ressalto a importância do GT LGBTQIAPN+ nas edições 2023 e 2024/2025 sem essa coletividade essa pesquisa não seria possível! Agradeço aos meus amigos Gustavo de Oliveira, Sabrina Tavares e Sara Guimarães por acolherem minhas angústias e me darem todo o suporte para que essa pesquisa fosse concluída. Ao meu parceiro Lucas Maciel que acompanhou essa jornada durante as longas horas de escrita e vibrou comigo por cada parte que foi nascendo. Por último e não menos importante, agradeço a professora na qual tive a honra de ser orientado, Denise Pereira Rachel e Camila Josefa Nunes Rossato por plantar a sementinha da pesquisa em mim em 2023 na matéria Metodologia da Pesquisa, obrigado por toda a parceria, pela paciência, escuta e delicadeza.

RESUMO

Este trabalho visa trazer uma perspectiva acerca da abordagem de gênero e sexualidade nas infâncias dentro do ensino não formal através da metodologia A/R/Tografia concebida por Rita Irwin em diálogo com outras pessoas que pesquisam a temática. Ao decorrer das páginas discutiremos os seguintes itens: Olhar Histórico: Conquistas da Comunidade LGBTQIAPN+ e como isso pode nos ajudar na perspectiva da Educação; Literatura Infantil como aliada: Análise de alguns livros infantis que trazem uma perspectiva LGBTQIAPN+; O papel da Arte-Educação na Luta contra a LGBTFOBIA na infância; Educação Não Formal: Experiências dentro do Programa PIÁ; Vivências e desafios de Artistas Educadores LGBTQIAPN+. Sabendo da dificuldade em abordar a agenda de gênero e sexualidade, especialmente com crianças e adolescentes devido ao conservadorismo, é importante enfatizar que essas abordagens serão discutidas em sua maioria de maneira lúdica, propondo um diálogo com a pessoa leitora. Sem pretensão alguma de trazer uma fórmula ou até mesmo uma verdade absoluta para se discutir o tema, mas com o intuito de compartilhar a trajetória de uma vida que possa ser de ajuda para outras pessoas educadoras ou que se interessem pela pauta.

Palavras-chave: gênero; sexualidade; infâncias.

RESUMEN

Este trabajo tiene como objetivo aportar una perspectiva sobre el enfoque del género y la sexualidad en la infancia dentro de la educación no formal a través de la metodología A/R/Tografía concebida por Rita Irwin en diálogo con otras personas que investigan el tema. A lo largo de las páginas discutiremos los siguientes temas: Perspectiva histórica: logros de la comunidad LGBTQIAPN+ y cómo esto puede ayudarnos desde la perspectiva de la educación; Literatura infantil como aliada: análisis de algunos libros infantiles que aportan una perspectiva LGBTQIAPN+; El papel de la educación artística en la lucha contra la LGBTFOBIA en la infancia; Educación no formal: experiencias dentro del Programa PIÁ; Experiencias y retos de los artistas educadores LGBTQIAPN+. Sabiendo lo difícil que es abordar la agenda de género y sexualidad, especialmente con niños y adolescentes debido al conservadurismo, es importante enfatizar que estos temas se discutirán en su mayoría de manera lúdica, proponiendo un diálogo con el lector. Sin pretender aportar una fórmula o incluso una verdad absoluta para debatir el tema, sino con el objetivo de compartir la trayectoria de una vida que pueda ser de ayuda para otras personas educadoras o interesadas en la materia.

Palabras clave: género; sexualidad; infancia.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Fotografia 1 - Livro Julián é uma Sereia.....	22
Fotografia 2 - Livro Julián é uma Sereia.....	23
Fotografia 3 - Livro Julián é uma Sereia.....	24
Fotografia 4 - Capa do livro Princesa Kevin.....	26
Fotografias 5 e 6 - Páginas do livro Princesa Kevin.....	27
Fotografia 7 - Página do livro Princesa Kevin.....	28
Fotografia 8 - Página do livro Tudo bem ser diferente.....	29
Fotografia 9.....	38
Fotografia 10.....	38
Fotografia 11: Cartas do Jogo da Memória com personalidades LGBTQIAPN+ espalhadas na mesa.....	39
Fotografia 12: Apresentação com fantoches.....	40
Fotografia 13: Apresentação com fantoches.....	40
Fotografia 14: Apresentação com fantoches.....	41
Fotografia 15 e 16: Silhuetas de Sereias desenhadas no chão.....	43
Fotografia 17: Apresentação da história “Meu avô Samantha” na Biblioteca Pública Municipal José Mauro de Vasconcelos.....	45

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	8
2. Olhar Histórico: Conquistas da Comunidade LGBTQIAPN+ e como isso pode nos ajudar na perspectiva da Educação.....	11
3. Literatura Infantil como aliada: Análise de alguns livros infantis que trazem uma perspectiva LGBTQIAPN+.....	19
3.2 PRINCESA KEVIN.....	25
3.3 TUDO BEM SER DIFERENTE.....	28
4. O papel da Arte-Educação na Luta contra a LGBTFOBIA na infância.....	30
5. Educação Não Formal: Experiências dentro do Programa PIA.....	36
6. Vivências e desafios de Artistas Educadores LGBTQIAPN+.....	46
7. CONCLUSÃO.....	52
REFERÊNCIAS.....	53



1. INTRODUÇÃO

Historicamente, a vivência de pessoas LGBTQIAPN+ foram invisibilizadas, apagadas e até mesmo exterminadas. Em um contexto geral, houve alguns avanços nas lutas e conquistas da comunidade, como o direito ao nome social e a união estável entre pessoas do mesmo gênero, isso se falando do Brasil, tendo em vista que muitos países ainda incriminam a prática da homossexualidade. De acordo com uma pesquisa realizada pela Human Trust Dignity, Instituição filantrópica do Reino Unido fundada em 2011 e focada na defesa da população LGBT, ao todo 64 países membros ou observadores da ONU (Organização das Nações Unidas) criminalizam relações sexuais de pessoas do mesmo sexo. Trazendo esse dado histórico que será aprofundado um pouco mais adiante neste estudo, nos deparamos com vivências que nem sequer são questionadas ou acolhidas: a existência de crianças LGBTQIAPN+ ou que simplesmente fujam de comportamentos cisheteronormativos.

Deste modo, Paul Preciado, filósofo e um grande escritor já nos alerta para o tema mencionado anteriormente com seu texto publicado em 2013, “Quem defende a criança Queer?”

Os defensores da infância e da família apelam à família política que eles mesmos constroem, e a uma criança que se considera de antemão heterossexual e submetida à norma de gênero. Uma criança que privam de qualquer forma de resistência, de qualquer possibilidade de usar seu corpo livre e coletivamente, usar seus órgãos e seus fluidos sexuais. Essa infância que eles afirmam proteger exige o terror, a opressão e a morte. (Preciado, 2013, p. 1)

Com esse alerta, Preciado traz a tona uma prática que costuma ser muito comum entre a política de extrema direita, a de invalidar e agredir as existências e subjetividades que fogem do que eles acreditam serem os valores ideais, valores esses que costumam ser cristãos, heteronormativos, cisgêneros e culturalmente na perspectiva do colonizador, ou seja, pessoas brancas. Tendo em vista que não se discute políticas públicas para crianças que não se enquadram às convenções de





gênero, há uma forte razão para que elas não sejam acolhidas dentro dos espaços educacionais, tanto formais quanto não formais. É com essa inquietação que essa pesquisa busca trazer à tona essa temática a partir da metodologia da A/R/Tografia, termo que através da sigla traz a significação de Art (Arte), Researcher (Pesquisa) and Teacher (Professor/a/e), juntamente à palavra grafia, desenvolvida pela artista, pesquisadora e professora Rita Irwin, que possibilita que uma pessoa possa exercer suas habilidades como artista, professora e pesquisadora de forma concomitante, assim trarei as experiências artístico-pedagógicas que tive dentro da Educação Não Formal através do Programa de Iniciação Artística (PIÁ)¹, onde pude exercer um olhar artístico, um olhar crítico e de pesquisa.

Aproximando a abordagem desse assunto para uma perspectiva escolar, podemos notar que 9 entre 10 adolescentes e jovens LGBTQIAPN+ sofrem ou já sofreram discriminação em espaços que deveriam ser de acolhimento, essa informação foi levantada ao longo de 2024 pela Aliança Nacional LGBTI+ em parceria com o Instituto Unibanco e através do apoio técnico do Plano CDE (Plano de Pesquisa e Avaliação das classes C, D e E no Brasil). Esse dado nos mostra que não há um preparo para o acolhimento de pessoas dissidentes, inclusive a falta deste trabalho é nítida desde os anos iniciais do ensino fundamental, onde não há a preocupação de falar sobre performances de gênero e sexualidades com crianças e adolescentes, o que posteriormente pode ocasionar em relatos de mais violências e evasão escolar. Realizar um trabalho de conscientização desde os anos iniciais do ensino fundamental com as crianças juntamente aos familiares é uma das formas de prevenção ao preconceito dentro do ambiente escolar e educacional em geral.

E como essa questão reverbera diretamente na Educação Não Formal? Ora, por mais que em outras formas de educação possa não haver um plano de ensino enrijecido, é imprescindível que tenhamos algumas garantias para poder trazer

¹ O PIÁ, ou Programa de Iniciação Artística, é uma iniciativa gratuita da Prefeitura de São Paulo que oferece encontros de arte através da ludicidade para crianças e adolescentes de 6 a 13 anos em diversos equipamentos culturais e educacionais da cidade, como CEUs, centros culturais e bibliotecas.





temas específicos, garantias essas que podem ser asseguradas através da lei. Por mais que em 2024 tenhamos um posicionamento tardio do Supremo Tribunal Federal (STF) em relação à obrigação das escolas de combater as violências de gênero e sexualidade, não possuímos uma garantia de que de fato isso vá acontecer, corroborando cada vez mais com as inseguranças de pessoas educadoras para tratar deste tema em ambientes de cunho educacional.

É possível identificar a literatura infanto-juvenil como forma de traçar uma base formativa lúdica para as mais diversas faixas etárias, incluindo as infâncias. Por isso, um dos propósitos dessa pesquisa é compartilhar maneiras de abordar questões de gênero e sexualidade em contextos educacionais, obviamente sem pretensão alguma de impor algum modelo, mas trazendo relatos das experiências que tive, com seus ônus e bônus, inclusive sendo um educador homossexual. Juntamente a relatos de outras pessoas que traçaram um percurso semelhante, porém único, a partir de suas vivências enquanto pessoas LGBTQIAPN+ educadoras, que continuam na busca de uma educação equitativa, inclusiva e respeitosa para todos os corpos e corpos. No primeiro item da pesquisa abordaremos um pouco sobre direitos e conquistas da Comunidade LGBTQIAPN+ ao decorrer dos anos, porém através de um caráter lúdico. No segundo iremos discutir acerca da importância da literatura infantil para a inclusão, o que se relaciona com o terceiro item que visa trazer o papel da Arte Educação nesta pauta. No quarto e quinto item da pesquisa trarei algumas atividades e vivências dentro do ensino não formal juntamente ao relato de outras pessoas artistas educadoras. Desejo para você uma ótima leitura!





2. Olhar Histórico: Conquistas da Comunidade LGBTQIAPN+ e como isso pode nos ajudar na perspectiva da Educação

Quero começar essa pesquisa pedindo licença para tantas pessoas que escrevem e ilustram para nossas crianças através de histórias incríveis que nos remetem ao respeito e diversidade. Como esse trabalho também visa tratar de infâncias em dissidência, nada mais justo do que trazer para dar início aos trabalhos uma história infanto-juvenil para refletirmos a importância de termos nossos direitos garantidos por lei.

Era uma vez em um reino muito distante localizado em um país chamado Brasil, uma criança que era filha de um rei e uma rainha. Filhe? Como assim? Acontece que essa pessoa não se considerava nem menino ou menina e atendia pelos pronomes elu/delu. Por mais que ocupasse um lugar de destaque em seu reino, não aparentava nem um pouco, desde criança adorava ajudar as pessoas a colherem seus próprios frutos, ajudava quem mais precisava para que pudessem prosperar e viver dignamente e sempre acolhia os animais que estavam desabrigados. Elu aprendeu a ser assim com seus pais, que não acreditavam que existiam pessoas melhores do que outras, eles entendiam que a função deles era ajudar para que todos fiquem bem e felizes! Essa criança viveu em um espaço de muito afeto, tanto pelos seus pais quanto pelo povo do reino, acreditava que o amor deveria ser livre e para todo mundo, aliás, existe ato mais lindo do que o de amar?

Certo dia, enquanto colhia frutos da macieira que ficava perto do bosque ao lado do castelo de sua família, percebeu que algo estranho estava acontecendo em seu reino. A chegada de uma tia distante chamada Dona Norma começou a abalar as estruturas do vilarejo, sempre que Dona Norma observava uma coisa que não parecia correta de acordo com seus costumes, ela torcia o nariz e dizia com uma voz extremamente irritante “isso deveria ser proibido!”. Bom, o que tranquilizava todo mundo era o fato de que o rei e a rainha estavam muito bem de saúde, logo, a





tia Norma não assumiria o lugar de realeza tão cedo. Certo dia, o rei e a rainha partiram para um reino próximo, em busca de novas parcerias para conseguir trazer mais paz entre os povos, a pequena criança ficou sob os cuidados da Tia Norma. Aos poucos a criança percebeu que as paredes amanheceram cinzas, as pessoas já não cantavam como antes e a alegria foi se esvaindo. No dia em que o rei e a rainha deveriam voltar, surgiu uma terrível notícia: o barco da realeza afundou devido às terríveis tempestades. A notícia abalou todos do reino, principalmente a pobre criança.

No dia seguinte, a tia Norma não respeitou nem o período de luto, com sua voz extremamente irritante decretou: “está proibido usar roupas coloridas! está proibido se vestir de maneira diferente e exótica! está proibido que pessoas do mesmo sexo se amem!” Quando sue sobrinhe escutou todos esses absurdos, pensou que não poderia mais morar naquele lugar. Ao se aventurar pelo reino, encontrou com diversas criaturas diferentes, pássaros, cervos, coelhos e finalmente encontrou outras pessoas, um grupo de pessoas que ainda usavam muitas cores e que não ligavam para as ordens da Dona Norma. Conversou com o grupo sobre os absurdos que estão acontecendo no reino, e pediu ajuda ao grupo para tirar a Dona Norma do poder. Então eles foram até o reino, para conseguir dar um fim naqueles tempos de tirania, levaram muitas latas de tinta para deixar aqueles muros cinzas coloridos mais uma vez. Quando chegaram nos portões do reino, tiveram que bolar um plano, para conseguir mobilizar todo o povo e fazer uma retomada do poder, principalmente porque todes estavam muito tristes.

Enquanto Dona Norma dormia em sua cama cinza, no seu quarto cinza, enquanto vestia seu pijama cinza, o grupo se organizava para espalhar tinta em todos os cantos do reino, por isso distribuíram latas para todas as crianças e adultos. Enquanto pintavam e davam vida ao reino, cantavam músicas e voltavam a sorrir. A Dona Norma escutou aquele barulho e foi até a janela ver o que estava acontecendo, quando ela apareceu começou a berrar “PAREM! ESTÁ PROIBIDO! ESTÁ PROIBIDO! ESTÁ PROIBIDO!” Então jogaram uma bomba de tinta na cara dela, ela ficou furiosa e pediu para que a guarda prendesse todes. Felizmente, ninguém aguentava mais os tempos de tirania de Dona Norma, e o povo decidiu





expulsar ela do poder. A partir daquele dia a pessoa herdeira do trono era e filho do rei e da rainha. Aliás, esqueci de comentar o nome da criança, que na verdade já era uma pessoa jovem cheia de sonhos e objetivos para melhorar a vida do povo, o nome da pessoa herdeira do trono é Esperança!

Escrevi essa pequena história repleta de clichês com o intuito de proporcionar o primeiro contato de muitas pessoas com a temática. Agora, proponho um desafio para você pessoa leitora. É muito comum que nós educadores utilizemos de brincadeiras e jogos para abordar as mais variadas temáticas possíveis, inclusive esse tópico será aprofundado adiante no texto. Por isso, quero convidar você que tirou um tempo para ler essa pesquisa (aliás, muito obrigado por isso!) para jogar um jogo comigo. Abaixo nós temos cartas com alguns acontecimentos históricos que foram importantes para as conquistas de direitos da comunidade LGBTQIAPN+, o desafio é você organizá-las a partir de uma linha do tempo. Não se preocupe em errar ou acertar, apenas em se divertir tentando montar uma linha do tempo que possa fazer sentido. Outra coisa, depois vou destrinchar um pouco acerca de cada carta para descobrirmos a linha do tempo original. Se divirta!





**LGBTFOBIA
É CRIME**

**PROGRAMA DE
COMBATE A
DISCRIMINAÇÃO
CONTRA LGBTQIAPN+
NAS ESCOLAS**

**CIRURGIA DE
REDESIGNAÇÃO
SEXUAL PARA
MULHERES TRANS
NO SUS**

**CRIME
DISCRIMINAR
PESSOAS COM
HIV/AIDS**

**CASAIS
HOMOSSEXUAIS
PODEM REGISTRAR
SEUS FILHOS
BIOLÓGICOS**

**TRANSEXUALIDADE
NÃO É MAIS
CONSIDERADA
DOENÇA MENTAL**

**PRIMEIRA
DEPUTADA
TRANSEXUAL**

**PESSOAS
LGBT+ PODEM
DOAR SANGUE**



**FIM DA PENA DE
MORTE POR
PRÁTICAS
HOMOSSEXUAIS**

**HOMOSSEXUALIDADE
NÃO É MAIS
CONSIDERADA
DOENÇA**

**PRIMEIRO
DEPUTADO
FEDERAL
ABERTAMENTE
LGBTQIAPN+**

**SE QUISER, USE
ESSE ESPAÇO PARA
REORGANIZAR AS
CARTAS**



Bom, agora que você teve um tempo para tentar elaborar qual seria a linha do tempo, vou trazer aqui o ano de cada conquista. Aviso de antemão que a resposta pode ser chocante.





Essa é a linha do tempo de acordo com a narrativa histórica oficial, é impressionante pensar em como algumas conquistas foram tardias. Quando olhamos para a atualidade, não imaginamos que há pouquíssimos anos pessoas LGBTQIAPN+ não podiam sequer pensar na doação de sangue. Em 1830 pessoas eram mortas por simplesmente amar seus parceiros/as/es e só em 1990 a homossexualidade deixa de ser considerada uma doença, embora comparado à transexualidade foi um processo menos demorado, que apenas deixou de ser considerada uma doença mental em 2018 pela Organização Mundial da Saúde. Em 2006 tivemos como eleito o primeiro deputado federal abertamente LGBTQIAPN+, uma figura pública que em sua passagem como deputado trouxe muita polêmica e com certeza não é o melhor exemplo em ideais, o apresentador de TV Clodovil (1937 - 2009) ocupou esse espaço até a sua morte em 2009. Apenas em 2018 viemos a ter nossa primeira deputada transexual, Erika Hilton, que traz em sua pauta questões da comunidade LGBTQIAPN+, das mulheres, das juventudes e da classe trabalhadora. Considero esses avanços um tanto tardios, tendo em vista a quantidade de potências existentes dentro da comunidade, é de suma importância que vejamos pessoas dissidentes em locais de representação política, para que a vivência de tantas pessoas não seja invalidada e silenciada. Apenas em 2019 a LGBTfobia foi considerada como crime, porém, compreendo existir uma grande falha acerca da falta de lei para o tema, sendo assim encaixando os crimes contra pessoas LGBTQIAPN+ dentro da Lei 7.716/1989, conhecida como a Lei do Racismo. É um marco histórico, contudo também é de suma importância que a LGBTfobia tenha uma lei específica, apesar da interseccionalidade na pauta, ambas as discriminações possuem suas particularidades.

Importante enfatizar que esse jogo é uma adaptação de um já existente e distribuído pela organização #VoteLGBT², que atua desde 2014 para aumentar a representatividade de pessoas LGBTQIAPN+ em todos espaços da sociedade, principalmente na política. Na versão completa temos muitas outras conquistas e direitos que foram adquiridos através de muita luta durante todos esses anos. Importante repararmos que a última carta de nossa linha do tempo está sem uma

² Você pode acessar o site da Instituição através do link <https://www.votelgbt.org/>





data definida, isso devido ao fato de não termos um avanço nesse nível dentro da educação formal e não formal, contudo, discorreremos acerca disso nos próximos itens da pesquisa.





3. Literatura Infantil como aliada: Análise de alguns livros infantis que trazem uma perspectiva LGBTQIAPN+

Sabemos que abordar certas temáticas com as crianças pode gerar algumas polêmicas por parte de alguns grupos conservadores, o que pode ocasionar em ofensas, descredibilidade da sua conduta enquanto pessoa educadora e em alguns casos mais extremos até mesmo a demissão ou exoneração de um cargo. Tendo em vista essa realidade que é assustadora para muitos educadores, surge um receio de se trabalhar temas como LGBTFOBIA dentro de um contexto educacional, ou até mesmo apenas abordar a vivência de pessoas LGBTQIAPN+ para que crianças dissidentes entendam que está tudo bem não ser igual ou não estar dentro de um padrão esperado, por isso é interessante usarmos de algumas estratégias, como a literatura infantil. Infelizmente não temos um acervo muito amplo de livros infantis que abordem a temática, como cita Márcia Gomes:

Obras destinadas ao público infantil e juvenis voltadas para a homoafetividade são raras, por uma série de motivos que vão desde o público não ser tão interessante ou potencialmente atrativo economicamente, falta de leitura a respeito do tema, falta de espaço para retratar temáticas tabus e, na contramão de todos esses obstáculos encontramos nos Estudos culturais e na Teoria Queer base teórica para iniciar tal discussão, bem como a necessidade de trazer para a roda de discussão tal tema, sobretudo para educadores e educadoras, pais, familiares, sociedade em geral a fim de que não cerceiem dos pequenos e jovens leitores o discernimento de crescerem conscientes de que vivem em um mundo marcado pela diversidade, seja de gênero, sexual, étnico-racial, religiosa, etc. (Gomes, 2021, p. 6)

Apesar da falta quando o assunto é abordar sexualidade e gênero com crianças, alguns livros infantis nos trazem reflexões acerca das performances de gênero, através das cores, das palavras e da imaginação, é possível apresentar universos de possibilidades de vivências para as mais diversas faixas etárias. Entre





alguns livros que abordam discussões de gênero e sexualidade, temos *O menino que brincava de ser* de Georgina Martins publicado em 2000, *Olívia tem Dois Papais* de Márcia Leite publicado em 2010, *O Pequeno Sereio* de Janaina Tokitaka publicado em 2023, *A Princesa e a Costureira* de Janaína Leslã publicado em 2015, *Fausto - O Dragão que queria ser Dragão* de André Romano publicado em 2022, *Meu Maninho é uma Menina* de João Paulo Hersegel publicado em 2019, *Viva as Unhas Coloridas* de Alicia Acosta e Luis Amavisca publicado em 2020, *Julian é uma Sereia* de Jessica Love publicado em 2018, *Princesa Kevin* de Michael Escoffier publicado em 2018, *Tudo bem ser diferente* de Todd Parks publicado em 2001, entre outros. Nesta parte da pesquisa, iremos nos aprofundar na análise dos três últimos títulos citados, *Julian é uma Sereia*, *Princesa Kevin* e *Tudo bem ser diferente*.

Por mais que existam títulos que possam ser utilizados em contextos educacionais para falarmos sobre gênero e sexualidade, é complicado garantir que eles sejam apresentados às crianças e suas famílias, o que nos leva a um estudo de caso interessante que aconteceu em Portugal. Foi realizado um projeto que visava trazer literaturas infantis que trouxessem uma outra perspectiva de família, e para que esse trabalho fosse possível dentro de uma escola, houve uma formação com os professores. O nome do projeto é “Livros Viajantes Inclusivos” e o trabalho foi realizado em turmas do jardim de infância e do 1º Ciclo.

O projeto ‘Livros Viajantes Inclusivos’ vai ao encontro das orientações de políticas de igualdade da União Europeia que indicam explicitamente que deve ser feita divulgação de de informação fidedigna sobre experiências de pessoas lésbicas, gays, bissexuais e transgênero (LGBT), assim como a promoção ativa da aceitação pública das identidades, comportamentos e relacionamentos LGBT (Agency for Fundamental Rights, 2010). Orientações difundidas pelo Conselho da Europa salientam o facto de ser obrigação das escolas providenciarem um ambiente seguro para alunas/os e docentes lésbicas, gays, bissexuais e transgênero, garantindo que estão protegidos/as contra práticas de bullying (Conselho da Europa, 2011).³

³ Você pode acessar a citação através deste link: <https://share.google/4gAa5twO2GvdXUnRn>





Esse projeto nos traz a dimensão da importância da literatura infantil no processo de formação das crianças, o que é possível garantir graças à Lei de Educação Sexual em Portugal (Lei n.º 60/2009) e o Referencial de Educação para a Saúde (Direção-Geral da Educação & Direção-Geral da Saúde, 2017). Como já foi dito anteriormente, a falta de leis brasileiras que garantam a obrigatoriedade dessa temática dificulta o processo pedagógico aqui no país.

É fundamental que as/os docentes desenvolvam conhecimentos mais aprofundados sobre estas questões de Direitos Humanos para poderem abordar esses temas com rigor científico e com segurança. Para as/os docentes fundamentarem as suas práticas docentes sobre estas temáticas, no contexto atual do nosso país, é importante terem a oportunidade de refletir sobre a situação portuguesa em termos de legislação e contexto social relacionados com a orientação sexual e a identidade de género, assim como sobre as políticas de promoção de igualdade (Ferreira, 2022, p. 14)

Após a formação com os professores, foi realizada uma pesquisa onde 83,3% das pessoas contempladas pela formação acharam muito útil, o que nos mostra que proporcionar metodologias pedagógicas para os profissionais da educação pode ampliar o repertório a partir de atividades que derivam de livros infantis. Com o intuito de fazer uma análise, além dos livros que elenquei, irei me aprofundar nos três últimos títulos citados.





3.1 JULIÁN É UMA SEREIA

A autora estadunidense Jéssica Love nos teletransporta para o universo da criança Julian, onde ele costuma acompanhar a sua avó durante o dia a dia, inclusive nas aulas de natação. Julián ao voltar para casa se depara com mulheres que estão vestidas de sereia, e isso encanta ele profundamente. A partir disso a história se desenvolve quando Julian fala para sua avó que ele também   uma Sereia, em um primeiro momento achamos que a v  desaprova a atitude da pequena criança. Julian tem uma ideia que é muito comum na realidade de muitas crianças (inclusive crianças LGBTQIAPN+), ele pega as maquiagens da avó, acessórios, e até mesmo faz uma indumentária com as plantas para que possa se tornar uma sereia.

Fotografia 1 - Livro Julián   uma Sereia



Fonte: Love, 2018, p. 19



Fotografia 2 - Livro Julián é uma Sereia



Fonte: Love, 2018, p. 20

Após se vestir e se deparar no espelho com sua nova aparência, Julián se encanta com o resultado, o que leva ele a perceber que de fato pode ser quem ele sonha, uma sereia! De repente, sua avó sai do banho e encontra Julian vestido daquele jeito, a primeira reação parece ser de desaprovação, até que ela entrega nas mãos de Julian um lindo colar de pérolas, que ressalta mais ainda a sua vestimenta de sereia. Logo após dar este colar, Vózita leva Julián para um desfile, que se assemelha um pouco ao nosso cortejo de Carnaval, onde podemos contemplar a presença de várias figuras marítimas, inclusive sereias.



Fotografia 3 - Livro Julián é uma Sereia



Fonte: Love, 2018, p. 31 e 32

Essa história contada com tanta delicadeza através das palavras e das imagens, possui simbologias muito interessantes, a começar pela característica das sereias de não possuírem nenhum sexo específico, apesar delas serem apresentadas normalmente através de um estereótipo feminino de gênero, elas não nascem com nenhuma genitália. Outro fator interessante no enredo é a aceitação da avó de Julian perante as escolhas que o personagem faz, escutamos com frequência que para pessoas de idade mais avançada é mais difícil de compreender as diferenças e a diversidade como um todo, e é de suma importância que se rompa com esse imaginário, tendo em vista que a empatia, afeto, aceitação e respeito devem atravessar as barreiras geracionais.

Julian é uma Sereia é um livro que merece reconhecimento pela forma de abordar uma temática tão delicada de maneira primorosa. O personagem é uma criança trans ou apenas gosta de sereias e quer ser uma? Essa resposta eu não





tenho, talvez a Jessica Love pudesse nos responder, mas o que realmente importa é que ele seja livre para ir e vir sendo quem se é.

3.2 PRINCESA KEVIN

A premissa desse livro escrito pelo autor francês Michael Escoffier é acompanhar a trajetória do personagem Kevin, que em um dia de fantasia da escola decide que quer ir vestido de princesa. Ao longo das páginas vamos observando a experiência do pequeno Kevin ao entrar em sua escola com uma fantasia que pode ser inusitada para uns, mas normal para outros, como para sua amiga que o apoiou durante o dia. Percebemos que ele passa por alguns desafios durante o dia na escola, inclusive por causa do volume da roupa e dos sapatos de salto que não são nada confortáveis. Ele encontra outros colegas vestidos com os mais variados trajes, gatos, ratos, raposas, super heróis, super-heroínas, abelhas e até mesmo cavaleiros. Infelizmente nenhum dos meninos que estão vestidos como cavaleiros querem ser seu par durante o dia, o que deixa Kevin bastante chateado.





Fotografia 4 - Capa do livro Princesa Kevin



Fonte: Garrigue, 2020.

O livro Princesa Kevin convida a criança leitora a refletir acerca de quais fantasias podemos usar, inclusive no final do livro onde Kevin reflete que ser uma Princesa é muito difícil, então a conclusão que ele tem é de que no ano seguinte ele vai para a escola de sereia! Através da reflexão do que se deve vestir, podemos levantar outros debates, como em uma parte do livro em que vemos uma criança vestida como uma figura indígena e outra de cowboy de mãos dadas, por mais que o contexto do livro seja por um viés estadunidense, por que não trazer uma discussão entre as crianças acerca de utilizar elementos de outras culturas como uma fantasia?



Fotografias 5 e 6 - Páginas do livro Princesa Kevin



Fonte: Garrigue, 2020, p. 11 e 19.

Considerar essa história para conversar acerca de gênero e sexualidade com as crianças pode ser muito proveitoso, principalmente por tratar uma realidade que vem sendo cada vez mais comum nos dias de hoje, onde meninos querem se vestir de princesa e meninas querem ocupar outros lugares no universo da imaginação. Ainda hoje essa temática pode ser vista como um problema para muitos grupos, em julho de 2025 uma criança de 8 anos, filho de Pedro Rodríguez, ex-atacante do Barcelona, sofreu ataques na internet por se vestir com um vestido e uma coroa de princesa. Que sociedade é essa onde é normalizado lermos notícias em que jogadores de futebol são racistas, misóginos, machistas e agressores, mas que não se pode permitir que seu filho se vista como bem entende? Por isso é fundamental que livros como o Princesa Kevin sejam apresentados nas escolas e em espaços educacionais.



Fotografia 7 - Página do livro Princesa Kevin



Fonte: Garrigue, 2020, p. 28 e 29.

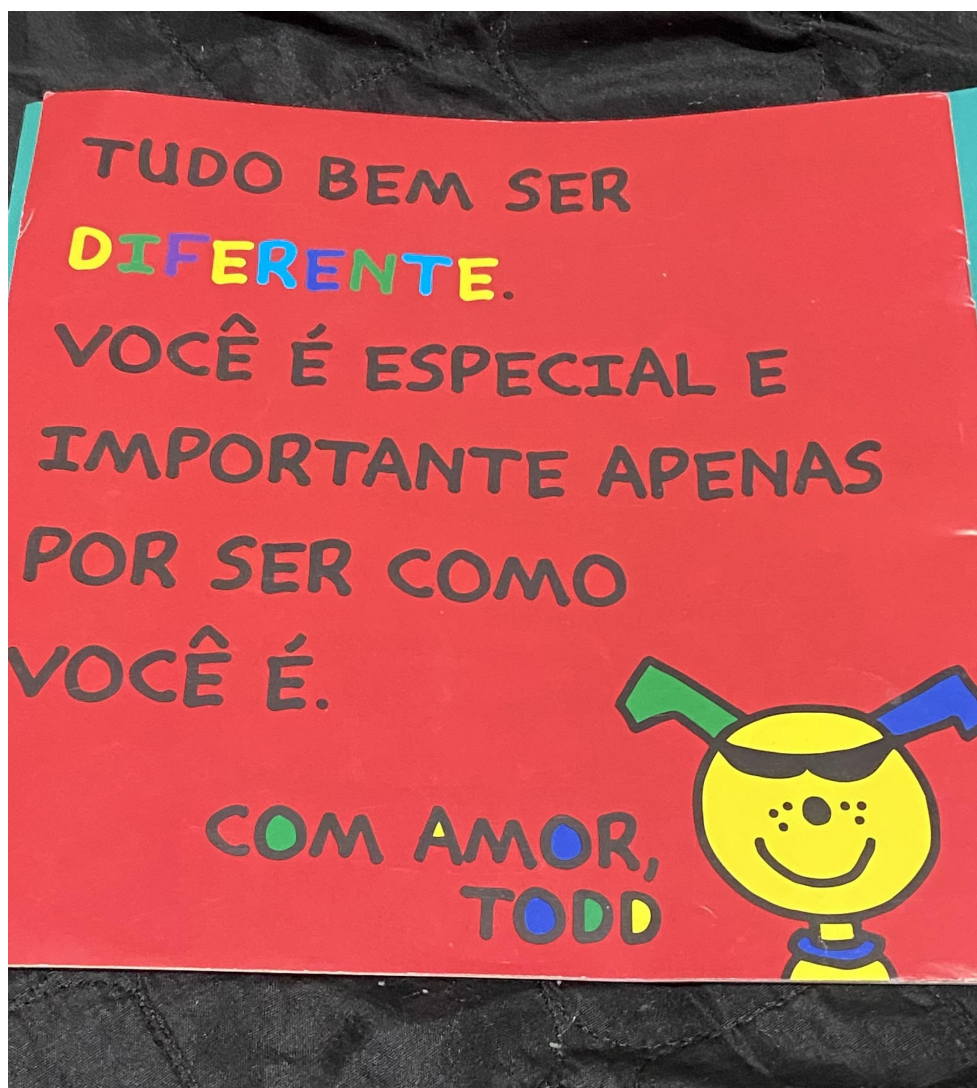
3.3 TUDO BEM SER DIFERENTE

O autor estadunidense Todd Parr consegue tocar de forma simples, delicada e com primor. Seu livro “Tudo bem ser Diferente” publicado em 2001, pode nos levar a uma discussão que envolve gênero e sexualidade, mas ele propõe algo muito além. O livro não tem como objetivo se aprofundar em uma temática específica, mas sim abrir a mente para um leque de possibilidades do que é ser diferente. Desde ter um gosto diferente até chegar nas diferenças físicas, o livro convida a pessoa leitora a compreender a importância de ser único, e que a individualidade de cada pessoa deve ser celebrada. Podemos considerar que o título consegue abarcar a temática com seu devido valor, tendo em vista que foi lançado em 2001 onde ainda se estava caminhando para pautar as vivências de



crianças dissidentes, o que torna a história ainda mais importante para aquele período e para os tempos de hoje.

Fotografia 8 - Página do livro Tudo bem ser diferente



Fonte: elaborado pelo autor, 2001.





4. O papel da Arte-Educação na Luta contra a LGBTFOBIA na infância

Desde pequeno era calmo, delicado
Me via sentado manso, penteando cabelos e fazendo laços.
Contudo, era incômodo, incomodava pai, mãe, família e todas as instituições que se
diziam do bem.
A sociedade entrou em choque, porque em meio a tantos conflitos entre governo e
cidadão, o que era de extrema relevância era o fato da boa e
velha moral estar sendo ferida.
A criança cresce e percebe que não se encaixa
Não se encaixa no padrão heteronormativo
Não se encaixa na imagem de pai de família
Não se encaixa no padrão de gênero que nos é imposto
Ao caminhar escuta palavras de ódio e repulsa
Mas não se abala
Absorve e modifica
Viado, sou
Bixa sou
E se falam que dou eu nego
Porque eu não dou
Eu aceito
Sento, quico, rebolo
Faço uma festa em meio ao caos
E não adianta querer experimentar disso tudo
Onde já se viu
Eu, logo eu tendo relações com meu maior inimigo?
Inimigo esse que veste terno e gravata e não cansa de me julgar na frente de um
púlpito de merda
Enquanto espalha ódio a todos os grupos da sociedade
O cidadão de bem logo percebe que para manter a sociedade intacta, é preciso
tomar uma atitude em relação a promiscuidade dessa viada.
Mas tudo bem
Podem vir com armas, pedras e lâmpadas
Pois dela retiro a luz que está ao meu favor
Só não se esqueça que a criança esquisita cresceu
E ao invés de laços e flores nas mãos
Leva consigo molotov
E navalha afiada
Prazer, bicha esquisita, da quebrada
E convocada para acabar com a tua raça

Poesia Autoral
Victor Menezes

Começo esse item desta pesquisa com uma poesia que foi escrita enquanto eu estava cursando o segundo ano do ensino médio. Quando escrevi





esse poema para apresentar em um Sarau que acontecia toda quarta feira na sede do Coletivo Casa No Meio do Mundo localizado no Jardim Brasil, pensei em quais eram os desafios de ser uma criança viada⁴, e em como foi um processo doloroso passar por isso dentro da escola e em uma sociedade que anula a existência de crianças que fogem da normatividade. Conheci o coletivo Casa no Meio do Mundo através de uma amiga chamada Jeff que me levou de encontro à coletividade dentro da Biblioteca Pública Municipal José Mauro de Vasconcelos, onde estive como Drag Queen pela primeira vez no Sarau “Favela Arte Drag” idealizado pela Jeff e realizado em parceria com o coletivo. Na adolescência tive a sorte de descobrir outros espaços de aprendizagem e um deles foi dentro desse coletivo e do Sarau do Infinito. Quando nos deparamos com narrativas de pessoas LGBTQIAPN+ nas escolas, podemos observar que na maioria das vezes surgem relatos de que suas experiências dentro do ambiente educacional (especialmente na educação formal) foram desagradáveis devido ao preconceito enfrentado tanto por colegas da mesma escola, quanto pela direção. Sofrer esse processo de exclusão e constrangimento por parte da equipe docente e discente é desafiador e extremamente cruel em qualquer faixa etária.

Muitas vezes aquela pessoa estudante pode não possuir uma rede de apoio dentro de casa e quando se depara com essa realidade dentro do espaço educacional surgem mais obstáculos para enfrentar. Certo dia escutei o relato de uma mãe, em que a coordenação a chamou em sua sala porque seu filho costumava brincar com as meninas, o que até então não existe nenhum problema nisso, muito pelo contrário, é inclusivo permitir que a criança circule pelos grupos nos quais ela tem vontade e se sente bem. Entretanto, os meninos estavam praticando bullying com ele, e ao invés de chamarem os responsáveis pelas crianças que estavam praticando bullying, resolveram chamar a mãe de uma criança que apresentava trejeitos lidos como femininos para alertar que a criança corre “perigo” de se “tornar gay” por conviver no ciclo social das meninas. Quando escutei aquele relato, além de ficar horrorizado, fiquei me questionando acerca da importância de termos pessoas preparadas para lidar com corpos diversos dentro

⁴ Criança viada é um termo popular utilizado para descrever infâncias LGBTQIAPN+. Muitas vezes utilizado como forma de resistência perante as dificuldades encontradas durante a infância.





do ambiente escolar, um lugar onde a pluralidade existe e sempre vai existir. A autora e pesquisadora Maria Clara Araújo Passos discorre acerca de sua experiência dentro do ambiente de ensino formal.

Eu me afirmo como Maria Clara desde os dezesseis anos. Naquele momento, cursava o terceiro ano do ensino médio na rede estadual de ensino de Pernambuco. Nesse contexto, a discussão sobre o uso do nome social e do banheiro correspondente à identidade de gênero ainda era incipiente. Ao solicitar o cumprimento dessas medidas, que implicavam diretamente meu bem-estar no espaço escolar, ouvi da gestão que "Maria Clara não existe". Uma situação como essa incide de forma objetiva na permanência de travestis no processo de escolarização. (Passos, 2022, p. 26)

O relato de Maria Clara Araújo Passos em sua obra *Pedagogia das travestilidades* denuncia mais uma vez o despreparo de muitos profissionais da educação, onde o preconceito sobressai ao que deve ser praticado dentro do ambiente educacional, o respeito.

A presença dos Outros na agenda política e até pedagógica se torna extremamente incômoda ao pensamento pedagógico porque os obrigam [os poderes hegemônicos] a se entender inseparável das formas políticas, culturais e de sua produção/conformação como subalternos (Arroyo apud Machado, 2014, p.6)

Em contraponto com as violências cotidianas que são muitas vezes reproduzidas em ambientes de ensino, existem professores que compreendem a importância de ser uma rede de apoio para crianças e adolescentes que são dissidentes. Às vezes apenas escutar as demandas que aquele corpo traz já é algo importante para que possam ocorrer os encontros pedagógicos. Certo dia em um encontro do PIÁ, estávamos em um momento de roda, pois acreditamos na importância de manter diálogos para que se crie vínculos. Uma criança por volta dos seus 10 anos nos contou que era lésbica e que havia um primo no qual ela não mencionou a idade, mas afirmou que era gay. Conversamos sobre a importância de ser quem se é, contudo ela expôs que o pai daquele primo não permitia que aquela criança exercesse seu direito de ter sua subjetividade preservada, logo, ela questionou quando falei que todos devem ter o direito de ser quem se é. Aquela





situação me deixou sem chão, porque de fato a realidade de muitas crianças e adolescentes LGBTQIAPN+ é composta por repressão, violências e censura em relação ao seu corpo e fluidos. Nesse sentido, é importante invocar a autora e pesquisadora Judith Butler para lembrarmos que os papéis de gênero são uma construção e não devem ser motivo de repressão para uma criança ou adolescente.

Se o caráter imutável do sexo é contestável, talvez o próprio construto chamado, sexo seja tão culturalmente construído quanto o gênero; a rigor, talvez o sexo sempre tenha sido o gênero, de tal forma que a distinção entre sexo e gênero revela-se absolutamente nenhuma. Se o sexo é, ele próprio, uma categoria tomada em seu gênero, não faz sentido definir o gênero como a interpretação cultural do sexo (Butler, 2010, p. 25).

Butler nos faz refletir acerca da construção do que é chamado gênero a partir do sexo, essa falácia é extremamente prejudicial às nossas crianças e adolescentes, limitando a vivência de cada um para com as amarras sociais da moral. Tendo em vista as variadas realidades nas quais podemos nos deparar dentro de um contexto educacional, é de suma importância que nós enquanto artistas educadores reflitamos em torno da relevância de elaborar atividades que abordem a temática do gênero e da sexualidade. Muitas vezes não há espaço para abordar tais questões dentro do ensino formal e é extremamente contraditório imaginar que conseguimos avançar em tantas pautas em relação à educação infantil como a agenda antirracista, agenda climática, de pessoas migrantes, entre outras, enquanto que a agenda LGBTQIAPN+ continua estagnada dentro do ensino formal e não formal. Em 2023, na elaboração de um Plano Nacional de Ensino, houve a censura da palavra “gênero”, esse movimento de exclusão é resultado da articulação de grupos conservadores e religiosos através de notícias falsas e de um terror que se cria acerca da pauta LGBTQIAPN+ com as ideias de “kit gay” e “ideologia de gênero”, extremamente ultrapassadas que já deveriam ter sido superadas. É preocupante a existência de um projeto de lei de 2019 chamado Escola sem Partido que busca lutar contra um monstro inventado pela própria extrema-direita e grupos conservadores, a tão polêmica “Ideologia de Gênero” que





já foi citada, esse termo é utilizado por eles com recorrência para desmobilizar a pauta de gênero e sexualidade dentro das escolas, com a justificativa de que ela seria uma imposição totalitária, ditatorial e até mesmo marxista, fugindo dos dogmas cristãos. Todas essas afirmações são absurdas, tendo em vista que nosso papel enquanto pessoa educadora também é proporcionar o senso crítico, queremos que as crianças tenham o direito para tomarem decisões em relação aos seus desejos e sua performance de gênero. A problemática do PNE não pautar a luta contra a LGBTfobia de maneira explícita abriu brecha para que vários estados e municípios excluam a pauta LGBTQIAPN+ em seus respectivos planos de ensino, como citam Claudia Vianna e Alexandre Bortolini, docentes da USP.

Segundo levantamento de Claudia Vianna e Alexandre Bortolini, docentes da USP, mais da metade dos 25 planos estaduais aprovados no país inseriu questões relativas à agenda das mulheres sob uma perspectiva de gênero e quase um terço expressam clareza de que a garantia de acesso e permanência com qualidade passa pelo enfrentamento das desigualdades de gênero. No entanto, vários planos refletem o avanço de pautas conservadoras com a exclusão do gênero, corte ou limitação da agenda LGBT+ e inserção de itens que submetem a abordagem destes temas à concordância das famílias. O exemplo mais extremo é o plano do Ceará, que impede, sob quaisquer pretextos, a utilização de ideologia de gênero na educação estadual. (Vianna e Bortolini, 2023)

Como afirmam Vianna e Bortolini, quando se deixa de falar sobre uma pauta tão importante em um Plano Nacional de Ensino, abre um leque de possibilidades para a onda de conservadorismo, vetando diversas conquistas e direcionando o destino de milhares de crianças e adolescentes para o retrocesso. Ao nos depararmos com as mais diversas realidades possíveis e com todos esses desafios que foram apontados, é importante enfatizar que ainda sim é necessário que nós enquanto artistas-educadores devemos ser uma ponte para tratar dos mais variados temas com uma faixa etária tão específica. Teria melhor forma de abordar uma temática tão sensível e polêmica se não através da arte?

Talvez exista, mas a partir de nossa formação enquanto artistas, podemos usufruir das linguagens da arte para apresentar novos universos de possibilidades. Por que não falar sobre as diferenças a partir de uma atividade como o nome





monstro? Para essa dinâmica basta a criança escrever o seu nome em uma folha de papel, em seguida dobrar ao meio e recortar a silhueta do nome, o resultado é um formato super divertido que serve como tela para a imaginação, podendo preencher o espaço vazio com olhos, bocas, cabelo e o que mais as crianças quiserem. Ao conduzir uma atividade como essa, é sempre importante enfatizar que as diferenças serão bem vindas, inclusive é muito divertido ter vários monstros diferentes, já imaginou como seria chato se todo mundo fosse igual?

Meu objetivo não é trazer uma fórmula exata do que nós enquanto arte educadores devemos fazer para abordar essa temática, mas sim provocar para que haja um sacolejo nas dinâmicas pedagógicas, inclusive é de extrema importância que não somente educadores LGBTQIAPN+ falem sobre, pessoas heterossexuais e cisgênero devem fomentar tais discussões, tendo em vista que falar sobre isso também é uma questão de saúde pública e mental para nossas crianças e adolescentes. No próximo item iremos continuar a partir das minhas experiências enquanto artista-educador do ensino não formal, espero que essas sementes de inspiração sirvam para a reflexão de novos caminhos a se seguir pedagogicamente.





5. Educação Não Formal: Experiências dentro do Programa PIA

O Programa de Iniciação Artística surgiu em 2008 na cidade de São Paulo, com a proposta de expandir o trabalho realizado nas EMIAs (Escola Municipal de Iniciação Artística) para outros espaços culturais, como as Casas de Cultura, Centros Culturais e Bibliotecas. O Programa PIA traz uma proposta metodológica extremamente interessante para se trabalhar com crianças e adolescentes, abrangendo a faixa etária dos 6 aos 13 anos de idade, metodologia essa que visa a iniciação artística através do brincar. Em uma sociedade onde se incentiva cada vez mais o processo de adultização das crianças, com a precoce exposição de responsabilidades que deveriam ser de adultos, uso desenfreado de telas com conteúdo adulto e de constantes estímulos os quais essas crianças consomem no cotidiano, a prática de realizar brincadeiras em conjunto tem se perdido constantemente. Brincadeiras nas quais seja necessário um uso maior da ludicidade também já não são tão frequentes no cotidiano de algumas crianças, sendo algo de extrema importância para o processo de socialização na infância.

A importância da ludicidade para as crianças de qualquer cultura se dá pelo fato de que a infância é o momento em que se inaugura o processo de socialização na vida do indivíduo, devendo permanecer este processo ao longo de toda a sua vida. Mas é no primeiro momento, na infância, que a socialização aparece em seu furor. E esta socialização infantil se utiliza especialmente do ludismo para garantir a sua efetivação. (Oliveira e Souza, 2008, p.1)

Dentro do Programa Piá, não temos uma grade curricular, mas é importante ressaltar que cada edição é única. Eu estive presente na edição de 2023, na edição 2024/205 e atualmente na edição 2025/2026, e algo em comum são temáticas específicas que podemos ou não nos aprofundar com nossas turmas, temáticas que receberam na edição 2024/2025 o nome de “sementes de inspiração”. Algumas sementes de inspiração que tivemos foram *Territorialidades*, *Maternagem*, *Mês da Consciência Negra*, *Orgulho Indígena*, *Ibejis*, *Luta e Semeadura* e





Acessibilidades e Inclusão. Essas sementes foram de grande importância para a organização do nosso pensamento pedagógico enquanto educadores/as, por mais que possamos não nos aprofundar em cada temática tendo em vista que um mês para cada coisa é pouco tempo e temos no máximo dois encontros por semana com cada turma, é importante que haja um incentivo para tratar de temáticas que são tão latentes. Dentro do PIÁ os encontros costumam ser realizados por dois arte educadores de linguagens distintas, para ampliar o repertório artístico dos encontros, o que viabiliza atividades diferenciadas. Um exemplo, inspirados na semente com tema de territorialidade eu e minha dupla Beatriz Oliveira pensamos em realizar uma horta junto com as crianças, o que foi uma experiência muito divertida, apesar da horta não ter atingido alguns dos objetivos iniciais e não ter se desenvolvido com o tempo por questões climáticas, houve o contato com a terra e a exploração de outros espaços da Biblioteca.

Acredito que seja importante contextualizar o percurso que é realizado dentro do Programa Piá para que eu possa compartilhar algumas práticas pedagógicas que envolvem assuntos interligados à comunidade LGBTQIAPN+, logo, uma outra característica em algumas edições do Programa é a existência de Grupos de Trabalho, grupos que são formados pelo corpo docente. Em 2024/2025 tive o privilégio de estar em uma coletividade de artistas educadores LGBTQIAPN+, o que possibilitou um espaço de escuta e de muitas partilhas. Dentro desse grupo compartilhamos os desafios de ser uma pessoa artista educadora dissidente e brincadeiras que podem ser utilizadas para abordar essa temática. Uma das brincadeiras desenvolvidas pelo GT foi um jogo da memória com personagens do universo infantil que são LGBTQIAPN+ ou alguma figura histórica como Xica Manicongo, a primeira travesti não indígena no Brasil. Nas cartas nós temos uma com a imagem das/dos/des personagens e outra carta com uma breve explicação de quem era, o que abria espaço para conversarmos a respeito da vivência dessas pessoas. Era incrível perceber que para muitas crianças não havia nenhum problema em jogar esse jogo e falar sobre esses personagens, inclusive, uma delas até corrigiu uma bandeira de umas das siglas da comunidade LGBTQIAPN+ ilustrada que estava errada, o que nos faz refletir em





como a intolerância é imposta por pessoas adultas, coagindo qualquer forma de existência que fuja da régua da “normatividade”.

Fotografia 9



Fonte: elaborado pelo autor, 2024

Fotografia 10



Fonte: GT LGBTQIAPN+ do Piá, 2023





Fotografia 11: Cartas do Jogo da Memória com personalidades LGBTQIAPN+ espalhadas na mesa.



Fonte: elaborado pelo autor, 2024

Em 2023 e 2024 realizamos uma atividade que durou alguns dias, confecção de bonecos de meia, o intuito era que pudéssemos explorar o teatro de formas animadas através de fantoches que possam ser feitos de maneira prática e econômica, tendo em vista que não possuíamos muitos materiais. Com isso, solicitamos para as famílias que se possível doassem meias antigas para que pudéssemos fazer nossos bonecos, para nossa surpresa as famílias doaram muitas meias e nós educadores também. Não esperávamos que as crianças fossem gostar tanto, porém elas quiseram fazer um boneco atrás do outro, o que ocasionou em uma exposição na Biblioteca José Mauro de Vasconcelos: A Vila dos Bonecos. O que isso tem em relação com a temática envolvendo gênero e sexualidade? Bom, quando finalmente os bonecos estavam prontos, fizemos algumas experimentações cênicas através de uma prática muito comum entre as



Drag Queens⁵, o Lip Sync⁶. Contextualizamos para as crianças que essa prática é realizada por artistas da cena Drag e para elas uma das maiores referências foi a drag queen Pablo Vittar.

Fotografia 12: Apresentação com fantoches



Fonte: elaborado pelo autor, 2025

Fotografia 13: Apresentação com fantoches



Fonte: elaborado pelo autor, 2025

⁵ Drag Queen (ou King): Artista que se veste, de maneira exagerada, conforme as possibilidades de gênero, para fins artísticos, políticos ou de entretenimento. Forma de arte muito comum dentro da comunidade LGBTQIAPN+.

⁶ Lip sync é a técnica de dublar movimentos de fala ou canto, sincronizando os lábios com uma voz gravada.





Fotografia 14: Apresentação com fantoches



Fonte: elaborado pelo autor, 2023

Após as experimentações realizadas através do lip sync, propusemos a criação de cenas com as crianças a partir de temas que nós enquanto educadores apresentamos e outros temas que as crianças traziam de casa, entre as temáticas exploradas chegamos em “Respeito às diferenças”, dentro desse contexto conversamos sobre como todo mundo ali é diferente, inclusive em termos de sexualidade, tendo em vista que a educadora Beatriz é uma pessoa hetero e eu gay. Surgiram cenas muito interessantes, e uma das partes mais encantadoras foi o fato de termos dialogado assuntos tão necessários a partir de uma prática que esquecemos enquanto crescemos e que já foi citada aqui, a prática do brincar!

A criança brinca porque tem um papel, um lugar específico na sociedade, e não apenas porque o faz-de-conta (como o brincar de cavalo em que a criança utiliza o cabo de vassoura) faz parte da natureza de tal criança... As crianças que brincam tentam



demonstrar seu direito de encontrar no mundo sua identidade. Elas negam-se a se transformarem numa especialidade denominada “criança” que deve brincar de ser grande, porque não se lhe oferece a oportunidade de ser um pequeno participante num mundo grande. (Oliveira e Souza, 2008, p.1)

Certo dia em um de nossos encontros, resolvemos dialogar com as crianças a respeito do direito de ser quem se é através de um livro infantil já citado aqui, Julian é uma Sereia. Era um dia ensolarado, perfeito para uma atividade ao ar livre, logo pegamos as esteiras de palha que costumam ser um sucesso nas atividades realizadas na Biblioteca. Posicionamos em uma roda e deixamos alguns elementos no centro, como um instrumento conhecido popularmente como Pau de chuva que foi confeccionado no dia anterior. Lemos o livro para as crianças enquanto elas se revezavam para tocar o instrumento, emitindo um leve som de chuva e riachos. Após a leitura do livro, que como já mencionado conta a história de um menino que sonha em se tornar uma sereia, realizamos uma roda de conversa, onde na turma da manhã um de nossos alunos disse algo parecido com “essa é uma história de insistir e não desistir!”, na turma da tarde uma de nossas alunas ficou indignada por ser um menino de cabelo comprido “ele tem cabelo comprido, é uma menina!”, automaticamente uma de suas colegas respondeu “ele é um menino de cabelo comprido, é difícil entender?” Nós mediamos a situação, mas foi um debate muito interessante acerca das possibilidades que um corpo tem de performar sua identidade. Depois da leitura e da roda de conversa, fizemos uma atividade em que um de nós educadores deitávamos no chão e em seguida desenhávamos o contorno de nosso corpo com giz, depois preenchíamos a silhueta com uma cauda de sereia, acessórios, roupas e o que mais viesse em nossa cabeça, sem nenhuma demarcação de gênero definida.





Fotografia 15 e 16: Silhuetas de Sereias desenhadas no chão



Fonte: elaborado pelo autor, 2023 Fonte: elaborado pelo autor, 2023

Em outro dia realizamos a mesma leitura em um Centro para Crianças e Adolescentes (CCA), um espaço de Convivência entre crianças e adolescentes que possuía uma parceria intersetorial com o Programa Piá, a maioria das crianças prestou atenção na mediação da História, quando finalizamos uma delas se referiu ao Julian da seguinte forma: “As vezes ele pode querer ser uma sereia mesmo, uma sereia mulher e não um sereio”. Nesse dia, minha dupla e eu saímos de lá reflexivos, será que ele estava dizendo que Julian poderia ser uma personagem trans? Não sei ao certo se era isso, mas com certeza essa pode ser uma possibilidade.

Em outubro de 2024, houve uma onda de dias temáticos nas escolas em comemoração ao dia das crianças, algo que costuma ser comum, trazendo novidades como o dia do cabelo maluco em que as crianças poderiam ir para escola com os mais variados penteados. Com isso em mente, pensamos que seria interessante abordar com as crianças a possibilidade de um menino ir vestido de princesa, ou uma menina vestida de um super herói, afinal, qual o problema nisso? Escolhemos o livro Princesa Kevin, também já citado aqui para abordar a temática, tendo em vista que ele vai vestido de princesa em um dia de fantasia na escola. Na





turma da manhã uma mãe acompanhou uma de suas crianças que não estava em um bom dia, ficamos receosos mas continuamos a história mesmo assim. Nos preocupamos em relação a reação da mãe, contudo ela até brincou conosco e não teceu nenhum comentário a respeito das atividades. A recepção das crianças foi dividida, alguns acharam um absurdo ele usar vestido, outras crianças acharam normal e não viram problema algum. Ao final da leitura, conversamos sobre e algumas crianças quiseram gravar uma mensagem para o Kevin, eu disse que mostraria para ele. Algumas das falas foram: “Você pode escolher usar roupa ou não, tanto faz e pode escolher ser menino ou menina”, isso foi dito por uma criança de 10 anos, a mesma criança disse “seja resistente, pois ninguém tem gênero definido” outra criança de 9 anos disse “você não desistiu e continuou e eles estavam te zoando e você não desistiu”. Após a conversa em grupo, as crianças que se mostraram resistentes a história e que fizeram piadinhas tiveram outra postura, o que não significa que milagrosamente o pensamento foi mudado, mas que pode significar que uma sementinha foi plantada, o que nos mostra a importância de debater tais questões com as crianças e o quão é saudável o espaço de discussões para ampliar pensamentos.

Dentro dos espaços culturais é comum que se tenha apresentações artísticas, principalmente contações de histórias nas bibliotecas municipais. Em maio de 2025 a Biblioteca José Mauro recebeu uma Drag Queen chamada Helena Black⁷, uma Drag contadora de histórias que costuma circular nos espaços culturais de São Paulo. Quando soubemos da programação a gestão do espaço convidou a nossa turma vespertina do PIA para assistir. O nome da história era “Meu Avô Samantha”, falava sobre um avô que perdeu sua peruca, e sua neta ajuda a encontrar, todo o enredo foi sensacional, gerou muitas gargalhadas de nós educadores e é claro, também das crianças, ao mesmo tempo que nos fez refletir. Ao final da apresentação, Helena citou a Lei do Tennessee que criminaliza apresentações de Drag Queens em público e para crianças, o que é um absurdo, tendo em vista que a arte drag é extremamente plural, ou seja, muitas

⁷ Caso queiram encontrar ela nas redes sociais basta pesquisar por @helenablackoficial no instagram.





performances podem ser vistas por uma faixa etária livre, como o fabuloso caso da Helena Black, uma drag contadora de histórias.

Fotografia 17: Apresentação da história “Meu avô Samantha” na Biblioteca Pública Municipal José Mauro de Vasconcelos



Fonte: elaborado pelo autor, 2025



6. Vivências e desafios de Artistas Educadores LGBTQIAPN+

Quando refletimos quais são os desafios de ser uma pessoa LGBTQIAPN+ no Brasil e no mundo, devemos entender que esse desafio está dado desde nossas infâncias, como foi enfatizado nesta pesquisa ao decorrer dos itens. As lutas pelos direitos da população LGBTQIAPN+ perpassa pelo direito de amar, pelo direito de poder e conseguir conquistar espaços de destaque dentro do mundo do trabalho e simplesmente o direito de existir sem o receio de ter seu corpo violado e até mesmo assassinado. As problemáticas se intensificam quando entramos no universo da educação, para a boa moral e os costumes é um absurdo que pessoas LGBTQIAPN+ estejam em espaços de ensino, principalmente quando se trata de ensinar crianças. Os obstáculos já surgem dentro do ambiente acadêmico, em 2009 o Ministério da Saúde fomentou um estudo acerca da discriminação dentro do ambiente acadêmico, conseguindo uma amostra de 18.500 estudantes responsáveis, professores e demais profissionais da educação, o que nos traz um dado chocante, onde 87,3% dos entrevistados mostraram ter atitudes preconceituosas e 26,1% tinham atitudes discriminatórias em relação a orientações sexuais divergentes da heterossexualidade. (ABGLT, 2016) Esse dado por si só já é um alerta gigantesco, levando em conta que 2009 não está tão distante de nossa realidade, outro fator preocupante é o dado trazer apenas o apontamento da sexualidade, o que nos faz refletir em como pode haver repulsa por outras performances de gênero que fujam da cisnormatividade.

Existem diversos estigmas acerca da população LGBTQIAPN+, inclusive o da promiscuidade, o que generaliza a forma na qual se dão as relações, traçando uma narrativa de repulsa, ou seja, “é um absurdo” que uma identidade dissidente ocupe algum espaço pedagógico. Percebemos que é muito comum que as crianças perguntem aos professores se eles namoram, ou se estão em um casamento. Quando se trata de uma pessoa educadora que não é heterossexual, logo surge um receio de falar sobre sua/seu parceira/o/e, receio esse que pode partir de uma represália sofrida até mesmo pela direção. Sobre esse processo de receio e exclusão Guacira Lopes Louro afirma:





[...] tão ou mais importante do que escutar o que é dito sobre os sujeitos, parece ser perceber o não-dito, aquilo que é silenciado — os sujeitos que não são, seja porque não podem ser associados aos atributos desejados, seja porque não podem existir por não poderem ser nomeados. Provavelmente nada é mais exemplar disso do que o ocultamento ou a negação dos/as homossexuais — e da homossexualidade — pela escola (Louro, 1997, p. 67).

O processo de exclusão não se limita apenas às nossas infâncias e adolescência, esse processo cruel está presente em pequenas relações e interações do cotidiano, que somadas ao final do dia se tornam mais um motivo para a falta de pessoas LGBTQIAPN+, principalmente pessoas transexuais dentro de ambientes acadêmicos. Considerando o objetivo desta pesquisa de trazer as minhas experiências dentro do ensino não formal, em conjunto com meus relatos, trarei a perspectiva de outres artistas educadores LGBTQIAPN+. Quando trazemos propostas que possam ser consideradas disruptivas, precisamos entender que podemos estar entrando em algumas zonas de risco.

Lembro de quando realizamos uma atividade que já foi citada no item anterior, a mediação de leitura do Livro Princesa Kevin. A experiência com as crianças foi ótima, como já citado, porém, na mesma semana nós tínhamos agendado um passeio para a exposição “Terra de Gigantes” no Sesc Casa Verde, e enquanto estávamos apreciando e interagindo com as obras nos deparamos com uma mensagem no grupo das famílias que nos acusava enquanto artistas educadores de tentar impor uma “ideologia” para as crianças. Quando lemos aquela mensagem ficamos em choque, sem saber o que responder e principalmente tentando raciocinar o que de fato estava acontecendo, no texto enviado no grupo a pessoa ainda utilizava de termos como “homossexualismo” para se referir ao livro, termo errôneo que coloca a homossexualidade num local de doença mental, além disso ousou dizer que estávamos “destruindo a família”, com certeza se referindo ao modelo de família nos moldes conservadores e heteronormativos. Apesar dessa experiência que foi extremamente preocupante, e





particularmente muito ofensiva, aconteceu uma coisa que nos surpreendeu de maneira muito positiva, as outras mães do grupo começaram a se posicionar a favor do livro e contra os comentários absurdos feitos por aquela pessoa. Frases como “qual é o problema?” “é só um livro!” foram ditas, e ao observar o coro de mães que uniam forças para defender a proposta pedagógica daquele livro fiquei muito emocionado, não por estar sendo validado, mas sim por perceber que os tempos mudam, acredito que se fosse em alguns anos atrás, ou até mesmo durante o governo Bolsonaro, as reações poderiam ser diferentes. Tiveram mães que trouxeram relatos pessoais acerca do assunto, como o de que o filho queria pintar as unhas de preto para ficar parecido com o Batman, o que a família não esperava era que ao chegar no supermercado um casal de adultos resolveram rir da criança, isso estragou o momento especial do menino, fazendo com que ele se questionasse se poderia ou não usar tudo o que queria. A família tentou motivá-lo, porém a situação foi extremamente frustrante para ele, o que nos prova mais uma vez que ninguém nasce com preconceitos, as crianças devem ser livres para experimentar e usufruir de sua criatividade, mas mesmo que em casa se tenha pais conscientes, não sabemos o que esperar dos muros de casa para fora. O desdobramento do caso se resumiu na tentativa de um diálogo e uma escuta presencial com aquela responsável, que infelizmente não se disponibilizou e deixou de levar as crianças pelas quais era responsável ao PIÁ.

Para a escuta de outras experiências de educadores do PIÁ, foi realizado o envio de um formulário online no dia 10 de setembro de 2025 para cinco pessoas educadoras de localizações distintas (sendo que três das cinco pessoas responderam), com as seguintes perguntas: Você já deu aulas para quais faixas etárias?; Qual sua sexualidade?; Como você se identifica? (em relação ao gênero); Você já enfrentou desafios dentro de espaços educacionais por ser uma pessoa LGBTQIAPN+?; Você se sente seguro de ser uma pessoa LGBTQIAPN+ no contexto educacional?; Você já enfrentou desafios com os pais das crianças e/ou adolescentes por ser uma pessoa LGBTQIAPN+? e ao final, foi proposto a escrita de um pequeno relato de como é ser uma pessoa artista-educadora LGBTQIAPN+ para quem se sentia à vontade em compartilhar. Ao realizar essa pequena entrevista através deste formulário anônimo com alguns artistas-educadores





LGBTQIAPN+, todes afirmaram que não se sentem segues dentro do espaço educacional, o que nos mostra que essa barreira não está apenas no nosso imaginário, inclusive a percepção surge pela forma como somos tratados dentro do nosso local de trabalho. Ao ser questionada em relação a se sentir em segurança, uma pessoa entrevistada respondeu: “Não, principalmente quando prevalece gestões masculinas cis-héteros e estruturas fundamentalistas.” a gestão de espaços de cultura e educação costuma ter sua cadeira ocupada por pessoas cisgênero e heterossexuais, dificilmente trazendo tranquilidade para a pessoa educadora que tem uma identidade dissidente. Contudo, os desafios não param por aí, ao serem questionadas acerca de terem problemas com as pessoas responsáveis pelas crianças, todes afirmaram que já tiveram problemas, o que é mais um fator preocupante, causando um clima de tensão e medo, pois como já foi citado nesta pesquisa, é inadmissível que corpos e corpos LGBTQIAPN+ ocupem o mesmo espaço de crianças, de acordo com o conservadorismo. Outro relato nos chama atenção, quando refletimos que mesmo através da sexualidade, que pode ser algo “invisível” na percepção de alguns, muitos homens gays, mulheres lésbicas, pessoas bissexuais, pansexuais etc, também sofrem discriminação, como aponta o relato abaixo:

Ser uma pessoa artista-educadora LGBTQIAPN+ em um espaço educacional traz desafios constantes. Entre as mulheres, muitas vezes caio no lugar de estereótipos: “pena que não gosta”, “tão bonito, mas não gosta da fruta”, ou ainda “você nem parece gay”. Em alguns momentos sinto acolhimento, mas em outros sou julgado, tanto na presença quanto na ausência. Com os homens cis a situação é diferente: muitas vezes sou simplesmente ignorado ou tratado com desdém, chegando até a não ser cumprimentado. Já enfrentei questões também com as crianças. Ao falar da minha sexualidade em defesa da pauta, uma delas reagiu com “que nojo”. No entanto, outras crianças vieram imediatamente em minha defesa. Esse episódio aconteceu em um momento político tenso, durante as eleições de Bolsonaro, e revelou tanto as marcas do preconceito quanto a potência de solidariedade e resistência que também nasce nesse espaço⁸

Ao destrincharmos essa experiência vivenciada por uma pessoa artista educadora podemos chegar em diversas camadas, os estereótipos em relação à comunidade LGBTQIAPN+ perpetuam até hoje no imaginário coletivo, comentários

⁸ Relato retirado da pesquisa realizada através de um formulário anônimo.





como “você nem parece gay”, “você nem parece trans” ainda são vistos como elogio para pessoas cisheteronormativas. Para muitas pessoas isso pode parecer como o famoso “mimimi”, mas ofensas que agredem a existência de uma comunidade inteira podem e devem ser vistas como algo criminoso. Às vezes surge a sensação de acolhimento, principalmente quando encontramos com pessoas que compartilham de vivências parecidas, porém, infelizmente essa não é a maioria dos casos. Percebe-se que há o receio de afirmarmos quem nós somos, principalmente quando se escuta comentários como “que nojo”, o que nos deixa aflitos, principalmente com a preocupação de que alguma criança possa comentar com algum adulto responsável por ela. Contudo, sabemos que a reação das famílias pode ser muito problemática. Ao final do dia, é importante que nos apeguemos ao que acontece no fim do relato, o apoio mútuo de outras crianças, de familiares aliadas e de uma gestão que possa vir a ser inclusiva.

Os desafios de ser uma pessoa LGBTQIAPN+ que ganha a vida como educadora são vários, contudo é importante também refletirmos como as interseccionalidades se aplicam ao dia a dia. Um outro depoimento nos traz a seguinte reflexão:

Nós enquanto pessoas lgbtqiapn+ estamos expostas e condicionadas a passar vários tipos de atravessamentos no ambiente educacional. E também por isso reconheço a necessidade e o dever de irmos de encontro ao auto letramento, abrangendo suas interseccionalidades.⁹

Pessoas LGBTQIAPN+ brancas não sofrem as mesmas dificuldades de pessoas negras, ou até mesmo de pessoas com deficiência. Pensar a Interseccionalidade nas relações humanas, é entender que os desafios enquanto pessoa educadora podem se agravar quando não estamos falando de um corpo branco, cisgênero e heterossexual. É um agravante pensar que muitas vezes as crianças chegam de suas casas com pré-conceitos que são colocados por adultos e pela convivência em outros espaços, como já foi dito, não se nasce com nenhuma ideia pré definida, mas é possível que se molde diversos discursos de ódio. Uma dos relatos que obtive disserta acerca da experiência de se trabalhar com crianças sendo uma pessoa transexual:

⁹ Relato retirado da pesquisa realizada através de um formulário anônimo.





As crianças em sua grande maioria refletem o ambiente em que estão socializadas. Em contextos nos quais a diversidade está presente e é um assunto tratado com naturalidade, é nítido a maneira como respeitam, do mesmo modo o contrário, em locais em que pouco ou nada é falado sobre gênero e sexualidade, quem foge a norma é visto como estranho, em alguns casos o diálogo acontece espontaneamente e de maneira tranquila, em outros prefiro não passar pelo assunto, sobretudo para não cair no lugar de acharem que estou impondo uma "ideologia de gênero", daí só informo meus pronomes e reforço quando necessário. Mas é difícil, fica muito evidente que as crianças já vem carregadas de pré conceitos de suas famílias, e já te lêem como isso ou aquilo.¹⁰

É muito bom pensar que em alguns casos as diferenças são tratadas com naturalidade pelas crianças, é isso que pretendemos quando fazemos atividades que falam sobre a diversidade, a inclusão e a existência de outras vivências. Compartilhar essas experiências com outros artistas educadores LGBTQIAPN+ nos traz a sensação de que não estamos sozinhos, construir uma rede de apoio é fundamental para que não haja desmobilização, por isso sou tão grato ao GT LGBTQIAPN+ do Programa de Iniciação Artística, por todo apoio e por toda partilha.

¹⁰ Relato retirado da pesquisa realizada através de um formulário anônimo.





7. CONCLUSÃO

O intuito dessa pesquisa era colocar em perspectiva a vivência de crianças em dissidência e ao analisar o percurso traçado até aqui sinto que contribui para o avanço da pauta, contribuição essa que pode ter sido pequena comparada a tantas narrativas que já conhecemos, mas que com certeza pode possuir algum valor. O trabalho não se encerra por aqui, enquanto eu for educador não conseguirei deixar de abordar essa temática com tanto zelo e carinho, espero inclusive seguir adiante com um mestrado, de um jeito sensível, lúdico e poético na medida do possível.

Quando falo sobre esse tema é com o intuito de ter alguma esperança de que nenhuma criança que fuja da normatividade seja destrutada, humilhada e violentada. Espero que a pauta continue avançando cada vez mais para que possamos ter como direito a abordagem da temática dentro do ensino formal e não formal, que artistas educadores LGBTQIAPN+ tenham seus direitos preservados e que não sofram nenhuma represália dentro do ambiente de trabalho e que pessoas cisgênero e heterossexuais entendam de uma vez por todas que falar sobre gênero e sexualidade é um dever de todas as pessoas! Seguimos na luta pela conquista de direitos com o desejo de que surjam aliades. Obrigado à você pessoa leitora por ter dedicado um tempo da sua vida para ler essa pesquisa, de alguma forma, agora você também faz parte dessa história!





REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Maria. **Pedagogia das travestilidades**. 1. ed. Rio de Janeiro: Grupo Editorial Record, 2022.

ALVES, Daniele. **A/r/tografia**: uma metodologia de pesquisa educacional baseada em arte na busca pela formação do artista-pesquisador-professor. Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização em Ensino de Artes Visuais) - Escola de Belas Artes da Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2015.

ALIANÇA NACIONAL LGBTI+. **Pesquisa nacional sobre o bullying no ambiente educacional brasileiro** [livro eletrônico]. Curitiba, PR: IBDSEX, 2025. Disponível em: https://aliancagbti.org.br/wp-content/uploads/2025/04/Relatorio_Pesquisa-Nacional-sobre-o-Bullying_Alianca-LGBTI-1.pdf. Acesso em: 15 jun. 2025

AÇÃO EDUCATIVA. Supressão do termo “gênero” no atual PNE fomentou censura e perseguição nas escolas. **Ação Educativa**, São Paulo, 13 nov. 2023. Disponível em: <https://acaoeducativa.org.br/supressao-do-termo-genero-no-atual-pne-fomentou-censura-e-perseguiçao-nas-escolas/>. Acesso em: 14 ago. 2025.

ESCOFFIER, Michaël. **Princesa Kevin**. 1. ed. Ilustrações de Roland Garrigue; tradução de Lígia Ulian. São Paulo: Companhia das Letrinhas, 2020.

FERREIRA, E. *Livros viajantes inclusivos: falar sobre questões LGBT nos jardins de infância e escolas do 1º ciclo*. **Da Investigação às Práticas: Estudos de Natureza Educacional**, Lisboa, v. 12, n. 1, p. 131-158, 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.25757/invep.v12i1.304> Acesso em: 15 jun. 2025

IRWIN, Rita; DIAS, Belidson (Org.). **Pesquisa educacional baseada em arte: A/r/tografia**. 2. ed. Santa Maria: Ed. UFSM, 2013.

IRWIN, Rita. *A/r/tografia: uma mestiçagem metonímica*. In: BARBOSA, A. M.; AMARAL, L. (Org.). **Interterritorialidade: mídias, contextos e educação**. 1. ed. São Paulo: SENAC SP; SESC SP, 2008.





LOVE, Jessica. **Julián é uma sereia**. 1. ed. Tradução de Bruna Beber. São Paulo: Boitatá, 2021.

PRECIADO, Paul. Quem defende a criança queer? **Revista Jangada**, Minas Gerais, v. 1, n. 1, p. 96-99, 2013. Disponível em: <https://www.revistajangada.ufv.br/Jangada/article/view/17/2> Acesso em: 11 jun. 2025

PARR, Todd. **Tudo bem ser diferente**. 2. ed. São Paulo: Editora Panda, 2002.

RODRIGUES, A. (Ed.). **Crianças em dissidências: narrativas desobedientes da infância**. 1. ed. Salvador: Devires, 2018.

